

Quando ganhei, pela terceira vez, o Prêmio de Poesia da Academia Pernambucana de Letras, declarei de supetão, aos jornalistas que me entrevistaram,

ao ser indagado sobre meu sentimento poético, que “sou um poeta de alma seca - e se me emociono a mão treme e o poema não presta.” Ou sai inteiro quando deveria ser quebrado, o que o absolutizaria. Daí todas as matérias deram destaque ao 2º colocado, o livro SERTANIDADE de Carlos Severiano Cavalcanti. Com tal situação, já estava acostumado. Quando ganhei para Jaci Bezerra e Alberto Cunha Melo o Prêmio Nacional do Conselho de Cultura da Cidade do Recife, à época - 1985, o de maior bolsa financeira do Brasil - cerca de R\$ 30.000 hoje, Marcos Prado, em sua coluna no DP, baixou a lenha e considerou Jaci o vencedor moral. Acontece que os três jurados eram nomes destacados no Rio e de São Paulo e César Leal presidia a comissão. O mesmo ocorreu em 2004, quando ganhei o prêmio BANDEPE/ABM - Holanda, de Cr\$ 14.000,00, pelo fato de Cunha Melo não ter obtido o primeiro lugar. A propósito, Alberto foi meu amigo e mestre, a quem prezo sobremaneira.

